

*Prof.<sup>a</sup> Léa GOLDENSTEIN*

Petrone, vejo que tudo foi falado. Sua vida profissional esmiuçada. Quando me perguntaram se eu faria parte de uma mesa comemorativa do seu septuagésimo aniversário, disse imediatamente que sim. Nós nos respeitamos, trabalhamos na mesma sala por mais de uma década, fomos colegas por 30 anos, e permanecemos bons amigos. E nesta amizade, incorporamos a Tereza, sua mulher e o Jayme, meu marido. Não gostaria de fazer um depoimento glamuralizado, desfiar elogios, destacar o que todos aqui presentes sabem.

Mas não se pode deixar de enfatizar que o Petrone é competente. Sérioso como pesquisador, como professor despertou o entusiasmo de várias gerações de alunos e que politicamente, antes de mais nada, soube ser coerente. Tomou posição contra a ditadura, sempre se mantendo, com distinção, porém com firmeza, ao lado das forças progressistas. Aceitou participar nos anos 68, 70 e 72, das experiências avançadas que estavam sendo propostas, como comissões paritárias, direções colegiadas, plenárias, e outras mais.

Acho que a primeira identificação que tive com Petrone foi ao reconhecer nele aqueles valores puramente humanísticos de respeito ao próximo, que constituem, a meu ver, as límpidas nascentes que alimentam a justiça social, essência do socialismo. Não estou falando da justiça social como é hoje apregoada por gregos e troianos. Falo dos princípios básicos do humanismo que devem nortear a vida das pessoas no seu cotidiano, e não só no discurso político, quer seja ele falso ou verdadeiro, lastreado em princípios ideológicos ou não.

Léa Goldenstein

Muitas vezes conversávamos sobre o que entendíamos por socialismo. E concordávamos que este socialismo humanista se fundamenta no comportamento do dia-a-dia, que aprendi com meu pai, e que reencontrei no Pasquale. Tanto ele como eu, assustados, constatavamos a ausência deste comportamento em muitos de nossos colegas, em diferentes momentos da vida profissional e/ou política, de nosso cotidiano na Universidade, quando, compadrismos, interesses e vantagens pessoais e/ou de grupos, motivados por privilégio ocasionais ou pela ambição de poder, por mais inexpressivo que fosse esse poder num contexto mais amplo, se sobrepunham aos interesses comuns.

Seus conhecimentos de História fizeram com que seus cursos de Geografia Política se destacassem como especialmente atraentes. E este interesse se cristalizou em seus trabalhos, na sua produção científica. As ligações da Baixada Santista com o Planalto, o estudo do Vale do Ribeira, os vários trabalhos sobre colonização, os aldeamentos. Todos se imbricando com o urbano são exemplares como trabalhos interdisciplinares. São a própria fusão da Geografia com a História, intermediados pela Política. Lembro do Petrone ter dito que a ocupação, a conquista do território, é um processo Geopolítico, se insere numa estratégia global que no Brasil começou ainda no século XVI, e também que, no Brasil, o Estado antecedeu a Nação e que só nos dias de hoje está se constituindo.

Chefe sucessivas vezes do Departamento de Geografia, incorrigível conciliador, exerceu com dedicação e eficiência este cargo e foi responsável pelo seu equilíbrio em muitos momentos difíceis. Pasquale nunca foi visto sozinho na sua sala. Sempre estava atendendo questões administrativas e, principalmente, orientando, os efetivos e os adotados, sem falar nos clandestinos, pois os colegas, como foi no meu caso, não dispensavam a sua leitura atenciosa e os seus

comentários aos respectivos trabalhos. E todos nós professores sabemos bem o tempo e o esforço que esta tarefa requer.

Sua disponibilidade em ler e discutir trabalhos é um traço marcante de sua passagem pelo Departamento. Disponibilidade neste caso é sinônimo de generosidade, é ser professor por vocação, por profissão e por história de vida.

Esta é uma sessão alegre, em que se comemora o aniversário de um amigo. Só me resta dizer: longa vida para você Petrone. Em paz e com saúde, cercado pela sua família e pelos amigos, são os meus, os nossos votos.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_